

## A CÓLERA DAS MÃES<sup>1</sup>

Pierre LÉVÊQUE\*

Não há tipo divino importante, mais vastamente disseminado do que o da MÃE, compreendo desde as “Vênus” pré-históricas até a Virgem Mãe do Cristianismo. Este tipo aparece no Paleolítico superior, ao mesmo tempo que o culto de grandes animais da floresta; e é então que parece estabelecer-se uma ligação hierogâmica entre uma entidade-Mãe e um animal selvagem (bisão, touro), resultando no nascimento de uma criança divina. A Mãe encarna, pois, a fecundidade, tão necessária à perpetuação, tanto da caça quanto da espécie humana. Mas a Mãe é também protetora da caça, concebida como uma atividade sexual, o que explica as representações, na forma de vulvas, das feridas que os caçadores infligem aos animais. Bastões de comando são, neste sentido, notáveis na medida em que mostram a associação de um urso (um dos deuses-animais nas primeiras sociedades mais fortemente personalizadas), ao órgão sexual feminino, locus e símbolo de fecundidade.

O Neolítico reforça no imaginário mais ainda a potência das Mães. Suas representações estão em todo lugar: nas sementeiras, nos celeiros, nos túmulos. Com a neolitização, seu poder se estendeu consideravelmente: elas reinam desde então sobre a Fertilidade e a Fecundidade. Seus pequenos e incontáveis ídolos encarnam, em toda a Eurásia e África, as potências supremas do “élan vital” que garantem, sob a sua hegemonia incansável e maternal, a prosperidade dos homens, tanto neste quanto no outro mundo; temem por suas colheitas de cereais, por seu rebanho, pelo seu próprio bem estar após a morte.

---

<sup>1</sup> Tradução de Sílvia M.S. Carvalho.

\* Université de Franche-Comté - “Centre de Recherches d’Histoire Ancienne” (Besançon) - França.

Toda uma teia intelectual, toda **uma lógica própria** se cristalizam no Neolítico. Eis seus principais elementos míticos:

- a hierogamia resulta na fecundação da MÃE por um deus ainda em forma animal (no Velho Mundo, principalmente sob a forma de um touro);
- desta união nasce a “criança divina” que, após muitas peripécias, morre e ressuscita, simbolizando o triunfo sobre a morte;
- uma deusa-filha acompanha a Mãe, criando-se assim uma rica dualidade, no interior do panteão feminino;
- uma mitologia se instaura em torno do culto da “santa família” neolítica (deusa-mãe, deusa-filha e criança divina), em correspondência com a renovação anual da primavera, o “eterno retorno” das estações, cuja estabilidade e produção ficam asseguradas pela Grande Mãe, paradigma da bondade redentora.

Contudo, o sistema não funciona plenamente: apesar da experiência da renovação regular da primavera, as angústias persistem, na medida em que – como acontece em todas as sociedades agro-pastoris – ocorrem crises (colheitas ruins, ou surtos de doenças do gado ou dos seres humanos).

As crises só podem ser atribuídas às cóleras da MÃE que – contrariando sua natureza fundamentalmente bondosa – ameaça assim destruir o mundo. **QUAL A RAZÃO DESSA CÓLERA?**

### **1. Grécia e Japão: as mãe coléricas**

Em muitos panteões não são raras as cóleras das deusas, mas nem todas elas são suscetíveis de ameaçar o Cosmos de aniquilamento. (As cóleras de Hera, por exemplo, contra Zeus, seu marido autoritário e ávido de aventuras adúlteras e que se tornaram, já para Homero, um tema favorito, não passam de brigas de casal..)

Vou me ater aqui à análise de um só caso: o das semelhanças estranhas entre dois conjuntos míticos – um grego, o outro japonês – organizados, o primeiro em torno de Deméter (deusa da terra) e o segundo em torno de Amaterasu (deusa do sol, que domina o panteão japonês), e que não podem ser explicadas, evidentemente, por contatos históricos.

### **A cólera de Deméter**

Há dois casos a considerar:

- **na Arcádia**, perseguida por seu irmão Posidão, a deusa se transforma em égua, mas é, assim mesmo, possuída por ele, que assume a forma de um cavalo. Ela entra num estado de cólera prodigiosa, se refugia numa caverna e se recusa a continuar a ocupar-se da agricultura. Serão necessárias longas negociações para apaziguá-la. Da violação da deusa nascerão uma filha (Despoina) – e um cavalo alado (Arião).
- **em Elêusis**, o rapto de sua filha por Hades lança Deméter no desespero. Deste somente a conseguirão livrar: a) as molequices carnavalescas de Iambé; b) no mito arcadiano, a “dança do ventre” de Baubo, que aparece como uma magia imitativa de copulação e de parto.

Há pois, dois atentados sexuais – contra a filha e contra a Mãe – que levam a uma ruptura na funcionalidade da deusa do trigo. Será necessário um episódio de evocação sexual para que Deméter, como por um ato mágico, saia de seu estado de furor.

### **A cólera de Amaterasu**

Amaterasu é vítima do ciúme de seu irmão Susano, que é uma espécie de “menino mau”. Com ternura, ela tenta se reconciliar com ele, numa cerimônia em que cada qual, em uma das margens do “Regato do

Céu” come objetos pertencentes ao outro (espada, jóias); mas ele volta a ser afligido por seu mal (o ciúme), entra no palácio da irmã, esfola um cavalo, mata uma serviçal, estuprando-a com o seu rabo oculto, e evacua sobre o trono da irmã. Não o podendo mais suportar, ela se refugia numa caverna e interrompe assim toda a luz e, conseqüentemente, toda a vida da vegetação.

A vida só é salva por uma deusa-filha, a “Pequena Deusa Sol”, que se cobre de lianas e de flores e dança perdidamente, mostrando seu sexo e suas coxas. Os deuses estouram de rir e Amaterasu sai da caverna: o mundo está salvo. É um atentado escatológico (e não sexual), que quase destrói o *cosmos*. Mas os dois casos estão bastante próximos pois, aqui como lá, o elemento masculino impõe sua vontade, contrariando o elemento feminino: trata-se de violência, de impurezas terríveis que ela deve suportar.

## **2. Uma “mãe” indú, yellamma**

Um caso estudado recentemente mostra uma certa analogia: é o caso de uma pequena deusa local, Yellamma (que é, ao mesmo tempo, esposa de Shiva, um dos deuses mais antigos do panteão da Índia antiga).

Suas primeiras vicissitudes estão resumidas adiante. Elas levam a uma extrema violência, uma vez que ela é decapitada por um de seus filhos por ordem do pai, após o que ela é, naturalmente, ressuscitada.

Ainda que diferente em muitos aspectos, este mito – com seu rico conteúdo – pode ser aproximado dos dois primeiros.

O rei Kārttaviryā, banhando-se num regato, é atraído pelo perfume de Yellamma. Ele ejacula involuntariamente nas águas e seu esperma vai se alojar no sexo da deusa. Num tempo anterior, ela havia sido invadida por intensa excitação, ao contemplar as experiências eróticas do rei com suas cortesãs. Dois episódios, portanto, que se complementam. Numa outra versão é o contato com os cabelos de um asceta (um homem santo) que a engravida.

Trata-se ainda aqui da cólera de uma “Grande Mãe”, que neste caso não foi propriamente vítima de um atentado sexual, mas é fecundada involuntariamente, ou pelo rei, ou pelo asceta. Encarada frequentemente como virgem, Yellamma é sinônimo de Fertilidade, mas não de Fecundidade. Yellamma – cujo culto perdura até os dias de hoje – é acompanhada por uma irmã ou serva, Mântangi, protetora das prostitutas (as Mântangi). Mântangi é uma bailarina, representada como tendo o sexo cheio de mel. Ela é bem a encarnação turbulenta da feminilidade, dos ardores incontrolláveis da sexualidade, da dança, que é uma de suas expressões supremas.

### 3 . Uma tentativa de interpretação

A recusa brutal da proteção divina, condenando a humanidade a morrer de fome, é a prova suprema imposta aos homens: a desordem absoluta se introduz no mundo. Mas a solução encontrada para o problema permite colocar fim a um episódio único; conseqüentemente, salvaguardando os fiéis. É a pureza e integridade do corpo feminino que são postas em causa. Ela se torna um objeto nas mãos dos homens, invertendo-se assim a hierarquia do imaginário das primeiras sociedades agricultoras, para as quais o verdadeiro poder é o das deusas, único capaz de prolongar a vida, uma vez que são elas as promotoras da Fecundidade/Fertilidade.

Como se opera o restabelecimento?

Existe um apelo à sexualidade, que pode assumir duas formas:

- a) obscenidade sexual ou escatológica = promoção da vida (Iambé);
- b) ostentação do baixo ventre, ligada aos élan da dança do ventre (Baubo).

É assim que a feminilidade explode, pela dança naturista da primavera (Pequena deusa-Sol), que – pelos seus movimentos endiabrados – reanima definitivamente as forças misteriosas supremas da vida, que ficaram por um período ocultas pelo atentado que as visava. E é o rir/sorrir dos deuses, que – automático, libertador – restabelece o equilíbrio.

O caso de Yellamma é, evidentemente, marginal, pois na Índia meridional onde tem seus devotos, os seus mitos e cultos foram continuamente “sancritizados” e “corrigidos”, na medida em que aparecem como contrários aos interesses dos dirigentes – o que não diminui a importância de seu testemunho. – Mas o paralelismo tão estreito entre Demeter e Amaterasu, testemunhas de duas criações imaginárias distintas, cuja carga intelectual e afetiva é, contudo, a mesma.

Pois a lição é clara: deusas ou mulheres, são as detentoras da feminilidade que conduz o mundo, mesmo se elas são obrigadas a compor com o lado masculino. O ventre é produtor e mediador da vida, seus órgãos respiram o sagrado. O que não impede que, na lógica do mito, elas conheçam contradições devidas à existência dos dois sexos antagônicos. Na sociedade dos deuses assim como na dos homens, é preciso, na medida do possível, resolver essas contradições geradoras de *stress* e de angústia, o que não é fácil: a mulher, ao mesmo tempo que é fonte de toda vida<sup>1</sup>, também aterroriza. Como disse um comentador tardio: “são as coisas endiabradas das mulheres...”<sup>2</sup>

Segundo J. Assayag (1992),

Yellamma era casada com o asceta Jamadagni, sob a condição dela lhe levar, todos os dias, do riacho Malaprabha, a água necessária para as suas abluções rituais. A sua castidade lhe dava o poder de confeccionar um recipiente da areia retirada do leito do rio. Todos os dias, acompanhada de sua servicial Mântangi, Yellamma levava assim o recipiente de água ao esposo. Ela o levava na cabeça, tendo uma cobra por almofada. Os anos se passaram. Os filhos do

---

<sup>1</sup> Existem representações de “Mães Terríveis”, com a face contraída pelo furor, tanto na Síria neolítica como em Micenas. Pode ser interessante considerar o imaginário tão próximo dos Dogon (G. Calame-Griaule).

<sup>2</sup> É preciso ao menos mencionar o interesse profundo que os psicanalistas têm nos mitos fundadores da dualidade feminina: A “Boa Mãe” e a “Mãe Terrível”...

casal se tornaram adultos e também ascetas como o pai. Um dia, quando estava ocupada com a sua obrigação cotidiana, Yellamma surpreendeu os jogos eróticos do rei Kārttaviryā com as suas concubinas, que se banhavam no riacho. Tomada de um vivo desejo, ao contemplar o espetáculo, ela se esqueceu da hora, não modelou o pote de argila, e voltou para casa sem a água.

Jamadagni – possuído pela deusa da fúria – revoltou-se contra a esposa e a cobriu de insultos. Ele lhe lançou uma maldição que a fez perder sua beleza corporal, por leocodermia ou lepra. Repudiada, ela foi expulsa do local. Assim começou um longo errar sem destino.

Transformada em mendiga na floresta, ela encontrou dois homens santos shivaitas, Ekhināth e Jogināth – conhecidos respectivamente pelos nomes populares de Ekkāyā e Jukkāyā. Apiedados pela sua miserável condição, eles a aconselharam a banhar-se no Jōgula Bhāvi (“a bacia dos sábios”), a adorar Shiva com toda devoção possível, a recolher esmolas todos os dias em cinco casas diferentes, para as repartir com os pobres; para tanto lhe deram um cesto.

Seguindo esses conselhos com fervor, Yellamma recuperou a sua beleza corporal. Assim, ela se decidiu a voltar para o seu marido, para que ele a aceitasse de volta. Desgostoso de vê-la livre de sua maldição, tomado novamente pela cólera, Jamadagni ordenou aos quatro primeiros de seus filhos que estavam em casa, que decapitassem a mãe. Todos, sucessivamente, se recusaram a executar a ordem paterna. Enfurecido devido a essa desobediência, Jamadagni os maldisse por sua vez, transformando-os em eunucos pelo resto de suas vidas. Ainda colérico, ele chamou então seu filho caçula, Parásurāma que se consagrava à meditação longe de casa. Seguramente o mais devotado dos filhos, Parásurāma obedeceu e decapitou imediatamente Yellamma.

Para o recompensar por ter executado a ordem com presteza, Jamadagni lhe concedeu dois pedidos. No primei-

ro, Parásurāma desejou trazer de volta à vida seus três irmãos, e no segundo, ele ressuscitou a sua mãe...<sup>3</sup>

Este mito nos coloca em presença de uma família vítima de uma desordem cósmica, em torno da qual se organizam os cultos do santuário, ao qual ainda hoje chegam peregrinos, durante as grandes festas lunares, para adorar seus deuses com devoção (Bhakti), apesar dos esforços que os poderes públicos estão fazendo há décadas, para extirpar liturgias consideradas escandalosas, porque misturadas à consagração que se faz de moças e de travestis, fonte de prostituição, no meio dos Intocáveis.

Estas divindades são ambíguas, espalham o mal e o curam, o que explica a sua ligação privilegiada com as doenças: Yellamma faz pequenas vítimas, virgens ou mulheres grávidas, para as condenar à esterilidade, e também a toda uma gama de afecções que vai desde as moléstias de pele, os problemas sexuais, até às doenças venéreas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSAYAG, J. *La colère de la déesse décapitée*. Paris, 1992.

---

<sup>3</sup> Tradução do francês, do texto de Assayag (1992, 143)

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

- CARVALHO, S.M.S. Contribution à une théorie anthropologique de la production de la pensée religieuse. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. Annales Littéraires de l'Université de Besançon, v.7, n.44, p. 7-39, 1981.
- LÉVÊQUE, P. Contribution à une théorie historique de la production de la pensée religieuse. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. Annales Littéraires de l'Université de Besançon, v. 7, n. 44, p.1-06, 1981
- LÉVÊQUE, P. *Colère, sexe, rire: Le Japon et ses mythes*. Paris: Les Belles Lettres, 1988.
- LÉVÊQUE, P., L'HUILLIER, M. C. *La création des Dieux*. Besançon, 1993.